



# Estudando a lição

(Cliché do phot. am. sr. J. A. Rodrigues de Carvalho)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	360

# HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

por Fortunato de Almeida

*Bacharel formado em Direito, Professor do lyceu Central de Coimbra, Sócio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos*

## Volumes publicados

**Tomo I** —Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Dinís (1325). Um volume de 800 pág., 2\$500 reis.

**Tomo II** —Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pág., 2\$500 reis.

## Em publicação

**Tomo III** —Desde a aclamação de D. Manuel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados seis fascículos.

**Tomo IV** —Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da república (1750-1910). Um volume.

**Tomo V** —Os acontecimentos no tempo da república. Um volume illustrado com grande número de photogravuras, e com muitos documentos.

Cada fascículo de 80 páginas; 250 reis. A cobrança é feita pelo correio por grupos de dois fascículos depois de distribuídos.

Toda a correspondência deve ser dirigida á

## Imprensa Académica

157, Rua da Sophia -- COIMBRA

# A Entrevista

Sem santo nem senha

por JOAQUIM LEITÃO

*Publicação semanal de 16 paginas de texto e uma pagina em papel "couché,, com o retrato do entrevistado. Occupa-se exclusivamente de assumptos portuguezes*

PORTUGAL	Numero avulso . . . . .	60 réis
	Por assignatura, pagamento adeantado. ) série de 10 numeros . . . . .	600 »
	» de 5 » . . . . .	300 »
França e paizes da União Postal, 50 centimos. Brazil (moeda portugueza), 100 reis		

Não se aceitam assignaturas em Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Braga, Vianna e Guimarães, onde a venda é exclusivamente avulsa, nos agentes d'«A Entrevista». Todos os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados das respectivas importancias.

## Numero s publicados:

- I. Entrevista com João d'Azevedo Coutinho—II. com D. Eugenio Montero Rios—
- III. com o Snr. Conde de Mangualde—IV. com o Ministro do Mexico em Paris—
- V. com o Dr. Cunha e Costa—VI. com Ferreira de Mesquita, ajudante do Conde de Mangualde—VII. com o Padre Domingos—VIII. com a Snr.<sup>a</sup> Marqueza de Rio Maior—IX. com o Snr. Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco—X. com o Padre Amadeu de Vasconcellos (Mariotte)—XI. Exposição da Doutrina Monarchica.

Todos os pedidos d'«A ENTREVISTA» devem ser dirigidos:

PORTO—Mario Antunes Leitão, R. Cancellia Velha, 70-1.º

LISBOA—Agencia d'«A Entrevista», Largo de S. Paulo, 7-1.º

EXTRANGEIRO—Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

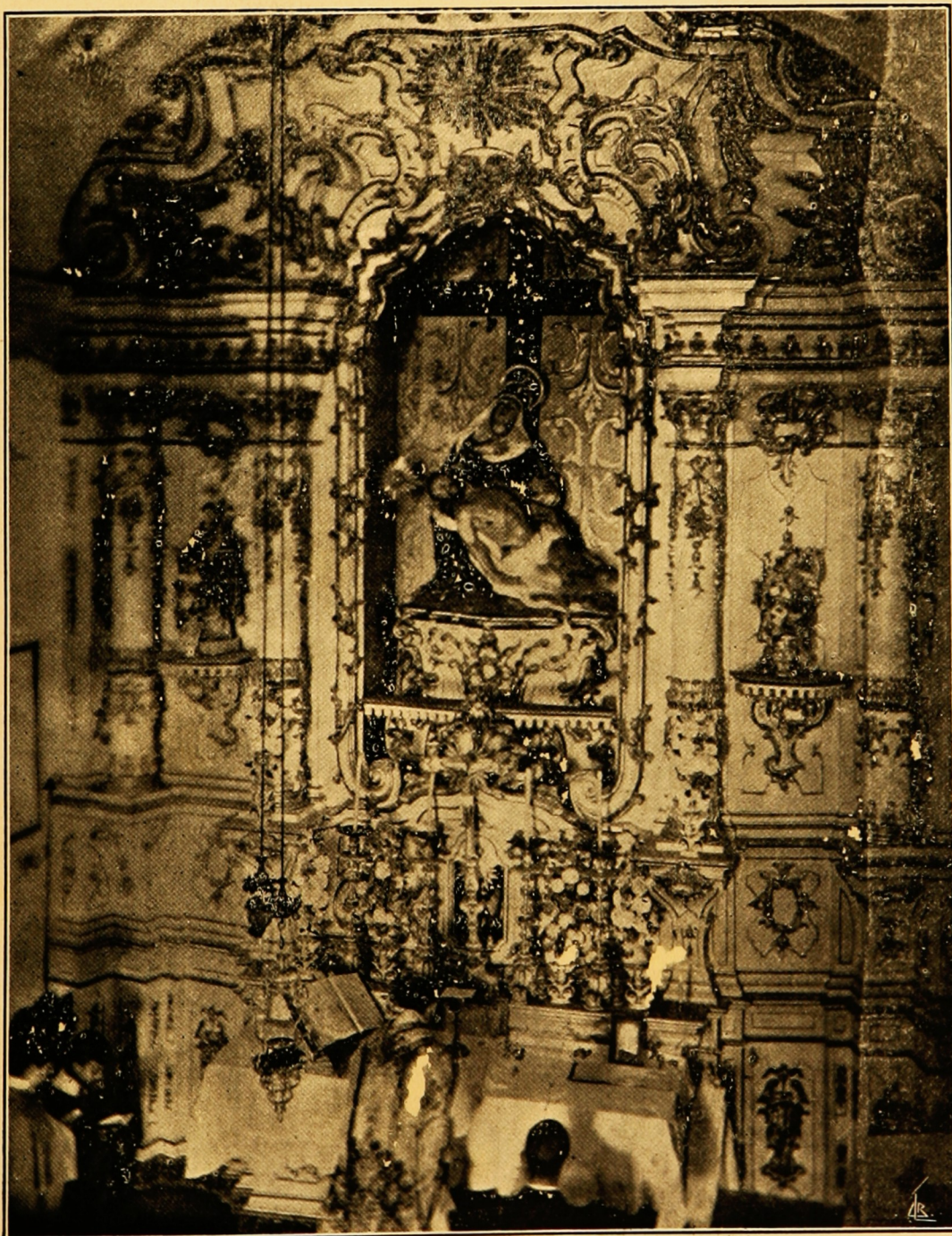
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 28 de fevereiro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 35—Anno I



PORTO — Aguas Santas. Altar-mór da capella da Quinta da Granja



NA revisão dos factos da semana, o chronista d'esta vez não tem mãos a medir. A questão d'amnistia revelando um systematico proposito de malsinar ideias alevantadas, por parte dos systemas politicos que falsamente se pavoneiam com o titulo de democracias; o Carnaval, dando expansão descarada ás hypocrisias embiocadas nos demais dias do anno, e revelando a inconsciencia do povo, bailando como um funambulo em delirio louco, sobre os farrapos das suas desgraças; a Cinza que é a voz da Egreja reprehendendo os desvarios, proferindo as palavras que fazem com que as consciencias dobrem sobre si mesmas, n'uma reflexão pausada acerca da inanidade das alegrias estovanadas e das fumacentas glorias da terra, — formam um bello thema para apontoar considerações.

Qual escolher? Melhor e mais util é a nenhum escolher, antes a todos abraçar, por que todos teem sua importancia.

Os leitores viram ou leram o que se passou na Camara dos Deputados, quanto á amnistia, para que descarreguem o chronista da tarefa aborrecida de o relatar.

Aquillo que aqui previramos, teve sua realisação. A amnistia sahiu das inexpertas mãos dos paes da patria como um aleijão, e contra tal facto nem valeram os protestos dos mais asizados nem os rumores de desapprovação geral que surdamente annunciam coleras atabafadas no peito da nação.

A divisão continua, o anathema permanece, a injuria não desapareceu. Ficam os libertos dos carceres ainda presos pelas algemas dos tribunaes militares ou pelo banimento do territorio nacional, Era de esperar...

Affirmada desde o primeiro dia da victoria, a *intangibilidade* das instituições, os seus sacerdotes pharisaicos não podem acalmar os rancores e indignações que lhes causa a divergencia de opiniões alheias. Na jactancia da sua missão privilegiada, sonhando-se mandatarios d'uma vontade popular, que não se manifestou, — acordam sobresaltados ao menor arruido que se faça, a um isolado grito que se erga, a um inoffensivo parecer que se emitta e respondem com o carcere, a tortura, o exilio a tudo aquillo que possa constituir um desagrado justo, uma justa e legitima revolta contra o seu ideal politico e a sua maneira de governar. O primeiro acto de todas as democracias é uma renegação da liberdade. Isto é um facto historico que ninguem pôde negar.

A amnistia morreu devido a este acto de renegação — porque não pode chamar-se amnis-

tia á ultima lei votada no parlamento... Ella não abrandará o rigor das perseguições nem o terror atroz dos supplicios, não aplacará a tempestade dos espiritos, não cicatrizará as chagas dilaceradas nem adormentará a raiva dos vingativos... Sahem homens dos tumulos de loucos que são as penitenciarias. Perguntae-lhes se algum sente gratidão pela liberdade provisoria que lhe concedem, e ouvireis que essa liberdade não é mais do que devida, e nunca foi ordenada por um impulso do coração generoso! A amnistia!... Mais uma farça apenas... No poder farçanteia-se com uma ideia de perdão, e na rua farçanteia-se com a miseria e a dôr, em jogos carnavalescos. Governantes e governados quizeram deitar o entrudo fóra. Os dictos insulsos dos xésxés, a esturdia brava d'estes dias d'entrudo, dando-nos antes a impressão nauseante d'uma insanía do que o signal d'uma despreoccupação feliz. Riem aquelles que não escutam os vagos rugidos da cratêra sobre que bailam e se espojam!

Na cegueira d'uma folia estupidamente desregrada e inoportuna, elles não attendem a que não é nas horas tragicas que os povos devem entregar-se á libertinagem doida das suas alegrias grosseiras. Se alguém fosse apresentar ao noctivago que celebra com amigos a data do Carnaval, a noticia da partilha fatal das nossas colonias... elle a rir, entornaria sobre ella a sua ultima taça de champanhe!...

Compare-se, porém, esta multidão que se entorpéce com aquell'outra que, olhando enojada, os grotescos do mundo, acorre aos templos para rezar... pelos que se divertem; e os resaibos de paganismo, barbaro, immundo, coâdos atravez da joeira dos tempos para a defínada civilisação de nossos dias, — que são eltes perante a piedade, o amor, a humilhação sancta, a paz interior que Jesus ensinou como degraus que ascendem a eternos goços?...

Folhas mirradas que o vento açoita em turbilhão pelo arruamento d'um cemiterio... O pó, a cinza, o nada que a Egreja repête aos ouvidos dos homens e aos corações dos fieis!...

O' edades cegas! O' gentilezas enganadoras! — dizia o P.<sup>o</sup> Vieira. Vive a idade como se não houvera morte. Vive a gentileza como se não passára tempo!...

F. V.

## Porque suspiraes?



Agua pura do ribeiro,  
Sempre correndo e chorando,  
Porque ides vós suspirando,  
N'esse correr tão ligeiro?

Correndo e se vpr correndo,  
Porque ides assim gemendo  
Sobre os seixos, a saltar?

Beija-vos o Sol fagueiro  
Com um beijo puro e brando  
E continuaes saltando  
Um suspiro derradeiro...

Basta de tanto gemer,  
Que se augmenta o meu soffrer  
De assim vos ouvir chorar.

FRANCISCO SEQUEIRA.



# Serões eruditos

IV

## Aventuras do alfabeto

2.º



ALGUNS leitores terão cuidado que no primeiro *Serão* ficaram narradas todas as aventuras do alfabeto. Puro engano! Inda agora a procissão vae na egreja!

Por exemplo: a propria palavra *alfabeto*, que acima escrevi, dará motivo para eu consagrar este segundo *Serão* ás aventuras do alfabeto, provocadas pelo nome das suas letras. Quem não sabe que este nome: *alfabeto* foi formado dos nomes das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alpha* e *beta*? Como em portuguez tem a mesma origem a palavra abecedario: *a b c d...* ario...

Ha linguas então que se prestam a innumeradas adivinhas feitas com as letras do alfabeto. Por ora citarei apenas o francez, e tão sómente algumas de que me lembro n'este momento. Porque ha milhares...

Por exemplo: quaes são as letras mais altas? São *L V...* porque são *élevées*: altas...

Quaes são as letras mais quentes? São as letras *D T...* porque são letras *d'été...* de verão!

Quaes são as letras mais proprias para figurar em moedas? São *F I J*, com effeito são... *effigie*.

Tinha-me esquecido outra: quaes são as letras mais baixas? São *A B C*, porque são... *abaissées*: baixas.

Não fica mal ao leitor d'uma illustração catholica perguntar-me quaes são as letras menos religiosas. Pois são as desgraçadas *A T*, porque teem o infortunio de ser *athéos*: atheias.

E as mais velhas? Oh! São sem duvida *N E*, porque não é segredo para ninguem que são *ainées*: as mais velhas.

E quaes serão as letras mais ligeiras? Quem duvida que são *L E*, visto que são *ailées*: aladas?

Se me perguntam quaes são as mais sadias,

não hesito em responder que são *A R E*, porque são *aérées*: arejadas...

Algumas soffrem maus tratos. Assim as mais maltratadas são *H E*, porque são *hachées*: migadas!

As letras mais difficeis de se ler são, com certeza *F A C*, porque são *effacées*: apagadas.

Ha letras mais espertas que outras; assim as mais estupidas são *E B T*, porque são *hébétéés*: parvas!

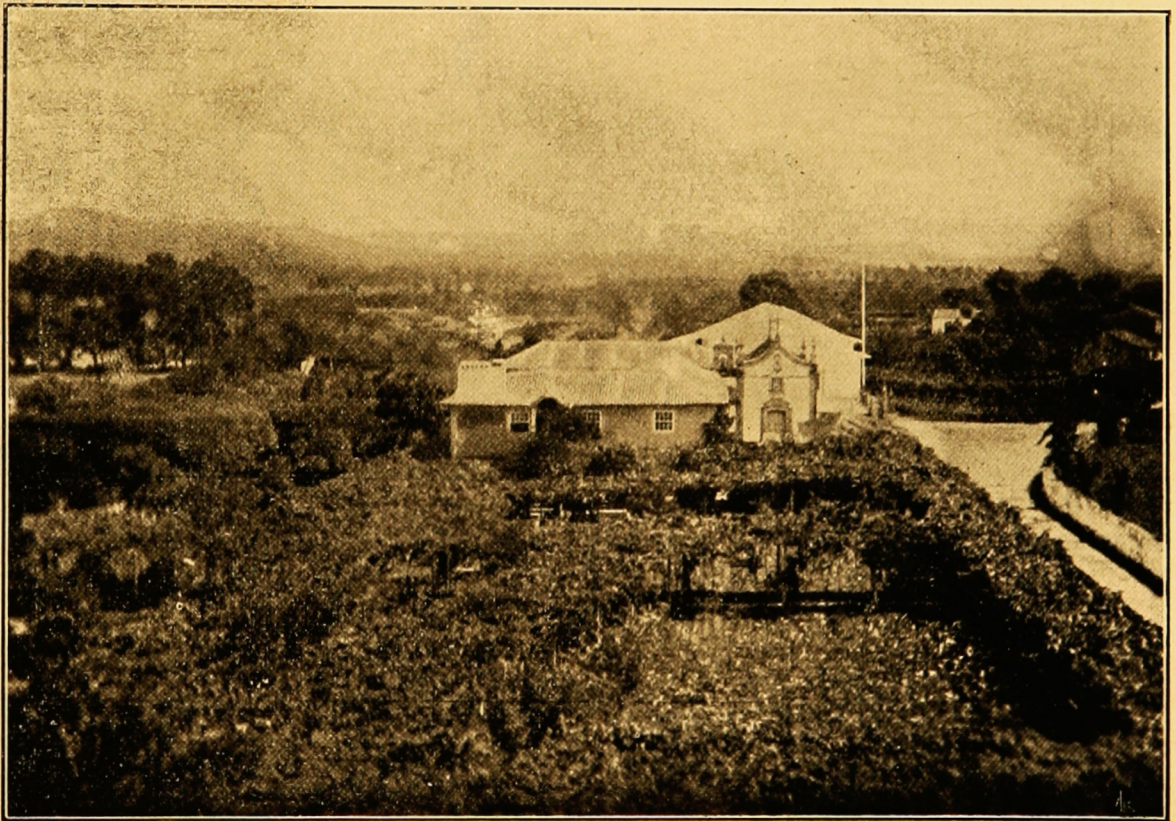
As mais trabalhadoras são *O Q P*, porque são *occupées*: occupadas...

Ha umas que são muito mais respeitaveis que outras; por exemplo *A G*, porque toda a gente vê que são *âgées*: edosas!

Até as ha que são mais ricas que as suas companheiras; por exemplo *U P*, porque são *huppées...* ricas.

Algumas, coitadinhas, já deram a alma ao Criador: são *D C D*: *décédées*: mortas!

Ha letras que, mesmo isoladas, são muito in-



PORTO — Aguas Santas. Quinta da Granja, propriedade do exc.<sup>mo</sup> snr. dr. Magro

teressantes. Assim o *R* é a mais subtil... porque é *l'air*: o ar; a mais molhada é o *O*: *eau*: a agua; a que muitos deviam tomar em pequenos é o *T*: *thé*: chá e a mais util para as costureiras é o *D*, naturalmente, porque é *dé*: dedal... Em grupo, então, ha phrases inteiras! Por exemplo: uma dama que se abespinha tem *L F H E* porque *elle est fâchée*: está zangada... E continue quem quizer...

Agora perguntará o leitor: em portuguez tambem haverá d'essas aventuras do alfabeto? Ora essa! Ha menos que em francez, porque os sons da nossa lingua são muito mais claros. Ainda assim, ahi vão alguns exemplos de que me recordo:



As letras melhores com feijão branco são X P: chispe! E as mais engraçadas são X T, porque são o proprio *chiste*. Os bombeiros levam *K C T*: capacete, sem fallar na melhor letra para o frio que é indiscutivelmente K, capa... E ha um grupo de 4 letras, que não escreverei aqui, porque formam uma phrase inteira, mas pouco limpa...

se a benzerem? E o S porque um S bento... é se-  
bento...

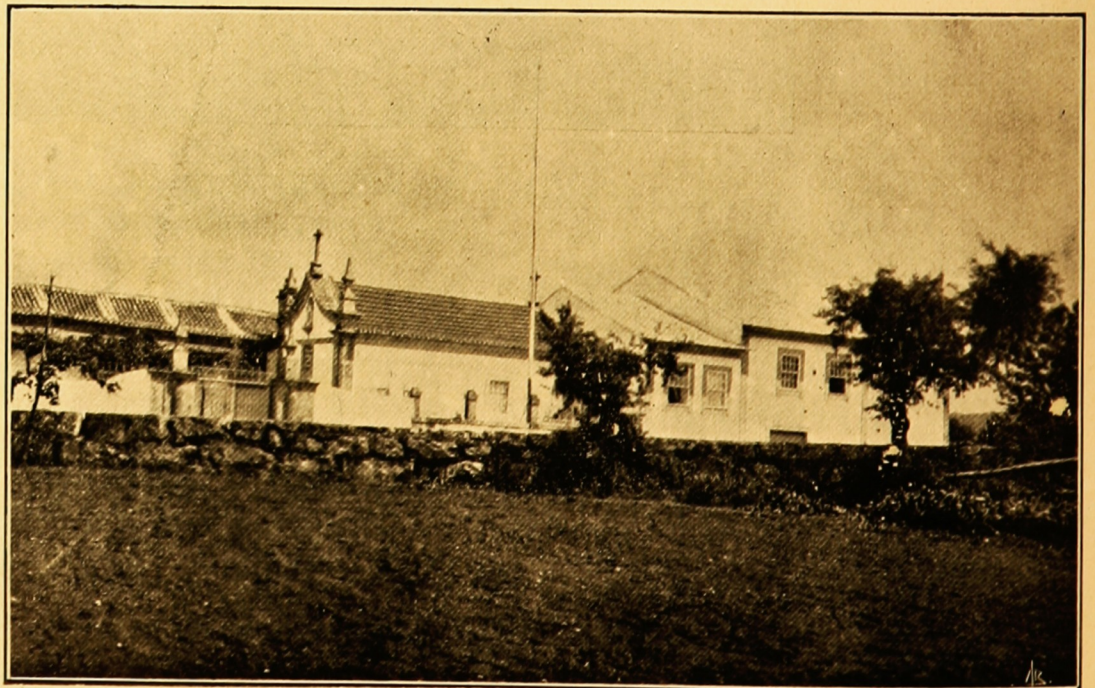
ARTHUR BIVAR.



PORTO - Aguas Santas. Um grupo de meninas da Quinta da Granja no seu gabinete de estudo, bordando e pintando. Da direita para a esquerda: D. Beatriz (professora), Alcina, Mimi, Amelia e Maria Margarida

O alfabeto tem tido aventuras bem mais curiosas, como veremos n'outro serão. Por hoje, faço uma pergunta aos leitores da *Illustração*, a ver se algum me satisfaz uma curiosidade. Qual é a origem da phrase com que exprimimos em portuguez que uma coisa é excellente, dizendo que é X. P. T. O.?

E para terminar, duas adivinhas ainda sobre o alfabeto lido á portugueza. Qual é o grupo de letras mais desprezível? E' com certeza: *R L L* porque é *réles*! E qual é a letra mais antipathica,



PORTO—Aguas Santas. A capella da Quinta da Granja que serviu de igreja parochial enquanto em Ermezinde existiu a catedral



# Notas da Hespanha



ESTA Hespanha que por causas de natureza patriótica temos desdenhado, merece hoje, para nós, um estudo muito proveitoso. Pomos de parte, por agora, o ressaibo historico dos dois povos, para attentarmos o paiz visinho, n'alguns aspectos da sua vida collectiva.

A quem viaje pela Hespanha e repare um pouco no modo de ser do seu grande povo, logo notará, para si, a fórma como elle conserva devotadamente a integridade admiravel da sua feição característica, dos seus costumes, das suas tradições, das suas crenças. Constata, além d'isso, em flagrante contraste com o que succede entre nós, a defeza obstinada, reaccionaria, que este povo oppõe á invasão do estrangeirismo pretencioso e dissolvente.

O hespanhol cultiva uma instinctiva aversão por tudo quanto possa alterar os seus costumes,

ris, e difficilmente deixarão de o ser, por mais que a prodigiosa imaginação dos figurinos estrangeiros se lembre de inventar e propagar...

Na musica, não ha composição verdadeiramente hespanhola que não soffra d'um forte cunho nacional, original, inconfundivel. E tudo o que não venha impregnado d'esse caracter, perde para o povo o interesse, o gosto, a alma que elle sabe emprestar, consagrar ás suas creações, ás suas exquisitas canções.

Basta assistir, n'um café-concerto, á execução de peças d'auctores estrangeiros e d'auctores na-



PORTO—Aguas Santas. Um aspecto da Quinta da Granja



PORTO—Aguas Santas. Quinta da Granja. Terra lavradia

não consentindo innovações n'aquillo que elle considera um attentado á sua originalidade, á sua indole caracteristicamente popular e nacional.

Fortemente cioso do *que é seu*, leva o seu bairrismo ao excesso de só julgar bom o que possui—e mau o que vem dos outros. Os divertimentos publicos que são uma das manifestações mais impressivas do caracter d'um povo, são typicas, *sui gene-*

cionaes e notar como os ouvintes as *distinguem* e as *sublinham*...

Se alguma coisa surge do estrangeiro que se imponha pela sua utilidade e vantagem, o hespanhol, ainda assim, não abdica d'aquella proverbial arrogancia castelhana. E em vez de *estrangeirar*, nacionalisa.

Por isso, raro é deparar com o fabrico propriamente estrangeiro, em Hespanha. Tudo o que puder fazer, imitar, arranjar dentro das suas fronteiras, não vae buscar lá fóra: repelle-o systematicamente.

Procuram-se vinhos, champagnes, licores, cervejas, conservas, queijos, etc., mais afamados no estrangeiro, o hespanhol tudo apresenta e tudo serve ao freguez—mas escu-

sado será dizer que tudo isso do estrangeiro apenas tem o rótulo: Elle tudo imita, tudo arranja *do que é seu*.

E debalde se procuram os productos legitimos e authenticos que se pretendem.

Nas industrias hespanholas não se encontram estrangeiros como nos outros paizes. Talvez possuam pouco desenvolvimento, a esse respeito: mas



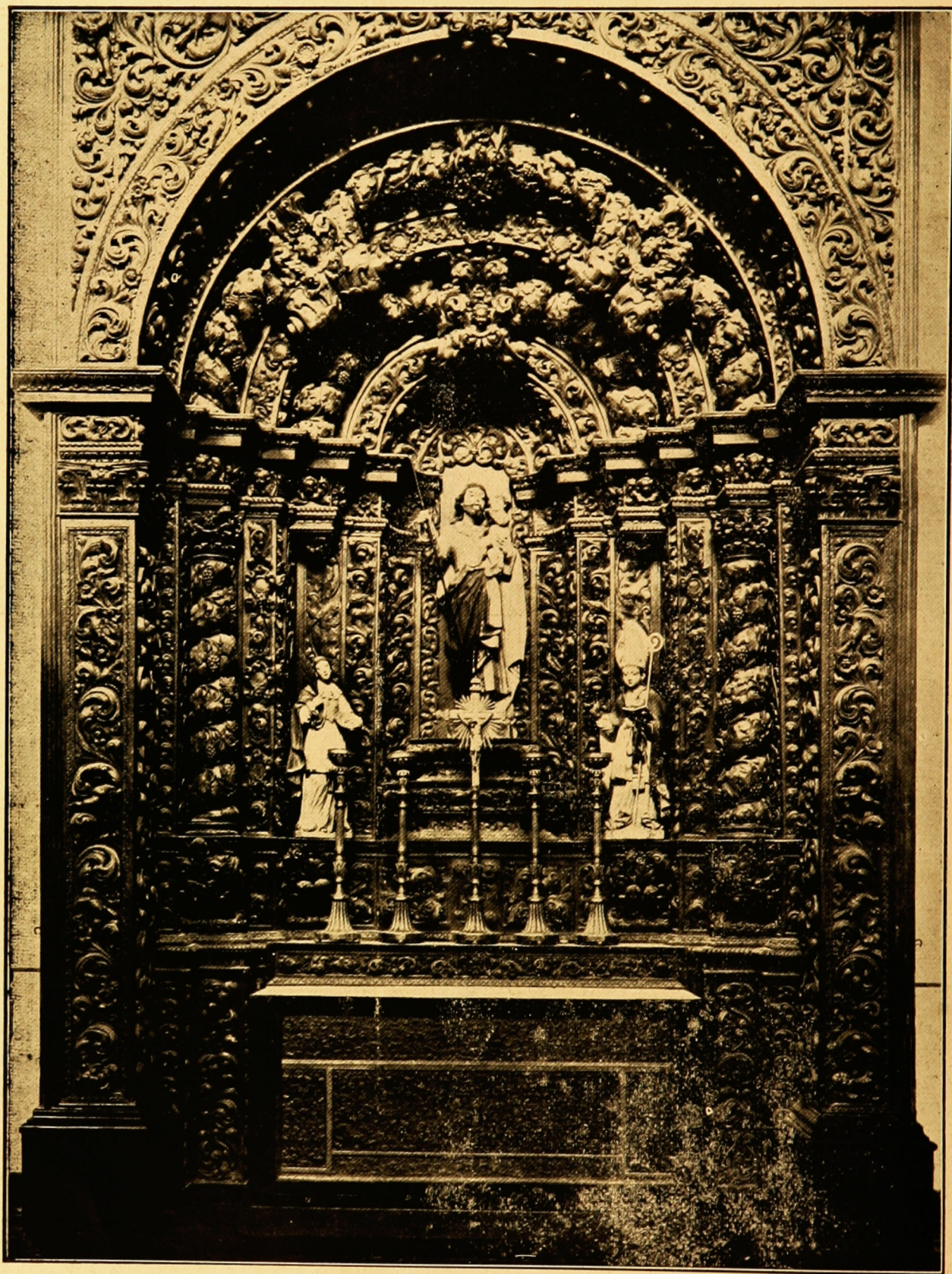
nas fabricas, emprezas, minas e caminhos de ferro que possuem não entra o elemento estrangeiro como desafortadamente entra em Portugal.

Chega a um ponto tal a sua ingenita repugnancia pelo estrangeiro que raramente se encontra quem, n'este paiz, conheça uma palavra, sequer, de qualquer lingua estrangeira, incluindo mesmo a lingua do povo francez que lhe fica visinho.

Nos cursos secundarios e superiores não se estudam linguas. Poucos são os cathedraicos de medicina, direito, ou lettras, que lêem ou comprehendam o francez. Tudo o que de melhor se publica

em lingua extranha, é immediatamente vertido para o hespanhol. De fórma que raro se encontram nas livrarias de Hespanha, livros estrangeiros.

O que dissemos, sobre diversões, musica, industrias e linguas, o mesmo podemos e havemos de dizer, sobre questões de religião, de tradições, de arte, institutos locais, organização politica, militar, judicial e administrativa, etc., em que o caracter profundamente nacional se defende corajosamente das influencias extranhas, deleterias e sobretudo, desnacionalisadoras.



PORTO — Collegio dos Orphãos. Altar lateral, 1.º da direita, da capella de N. Senhora das Graças

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)





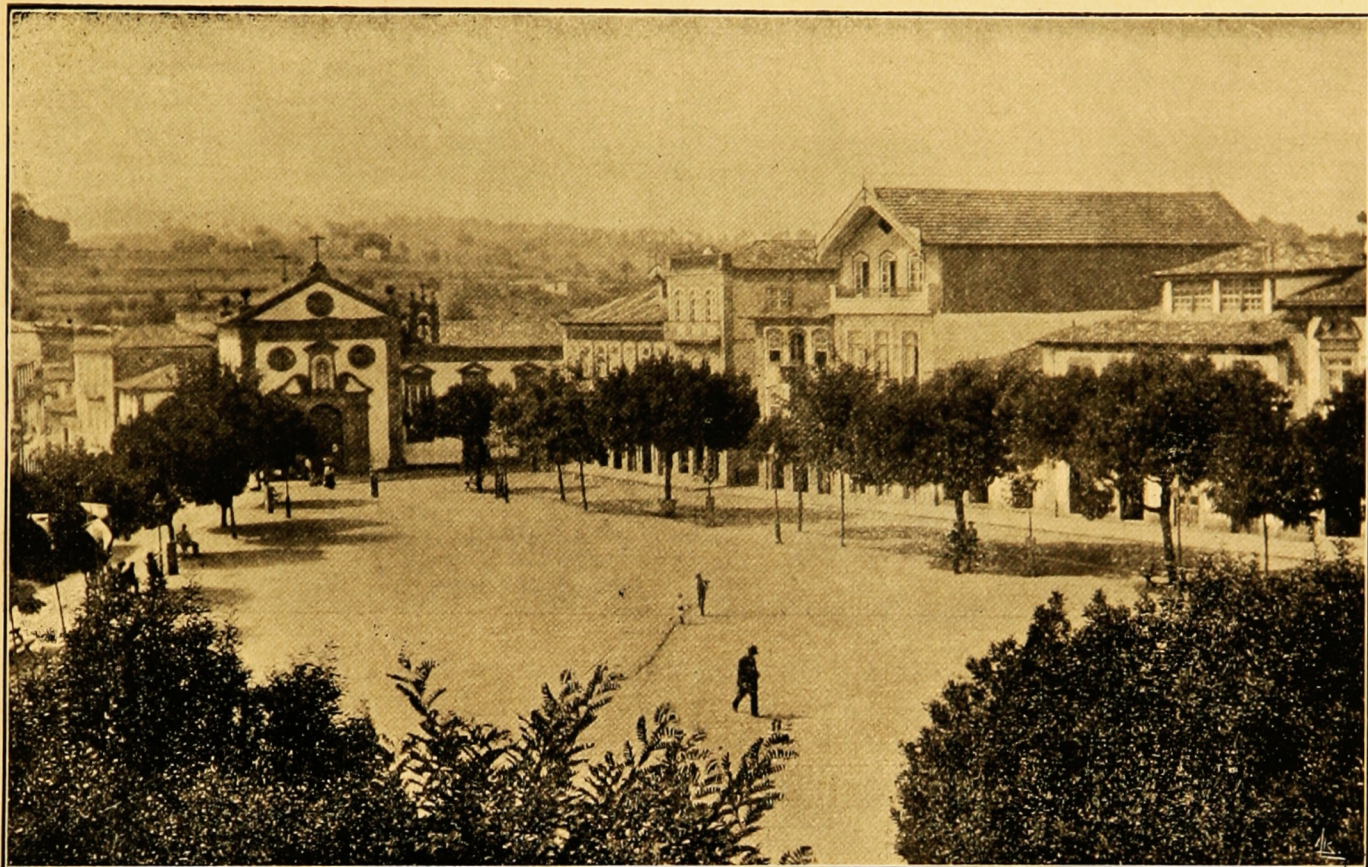
Hoje, porém, não desejo alongar mais estas notas para desde já fixar a necessaria conclusão.

\*

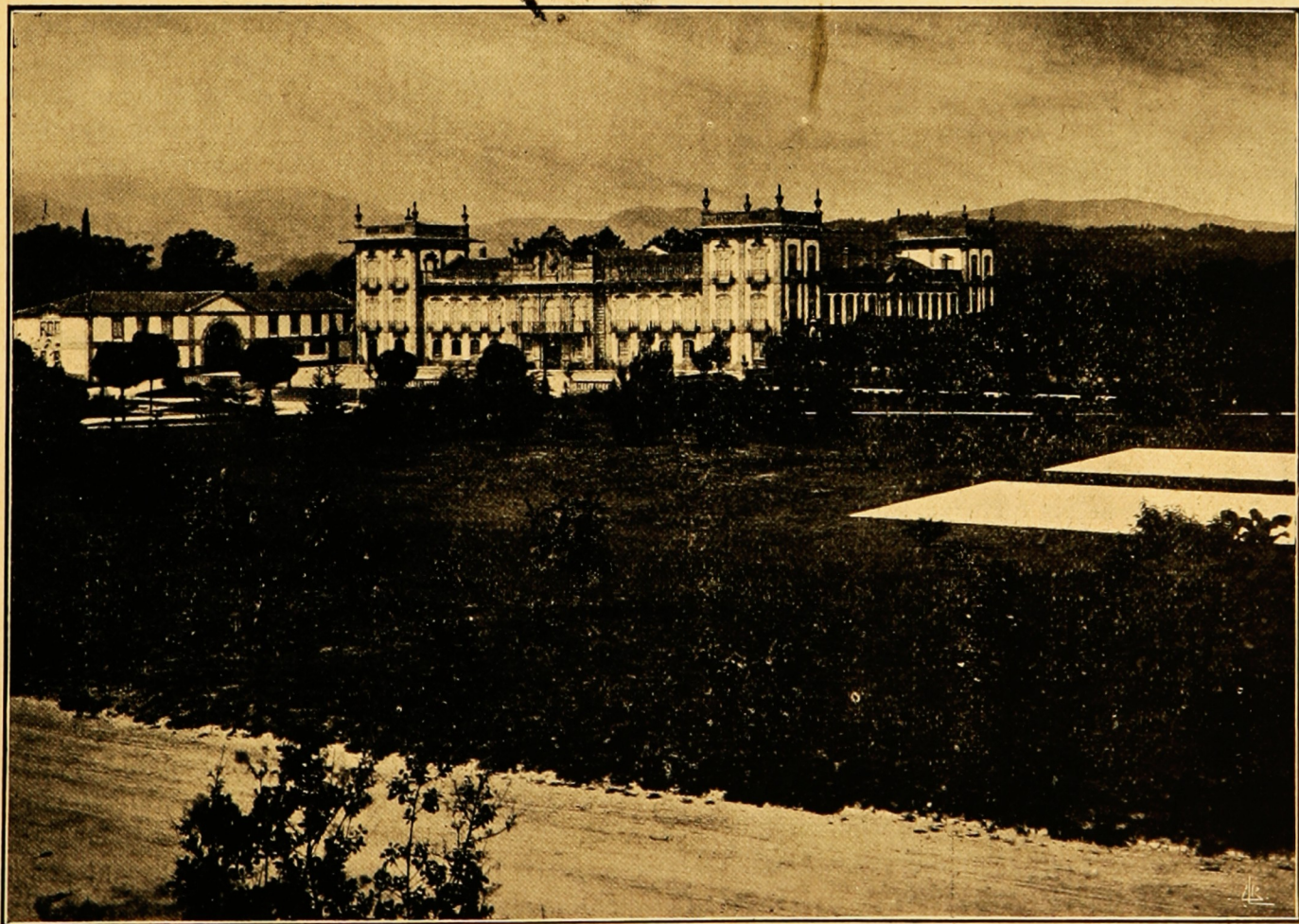
Um povo assim, pode, em certos pontos, ser digno de censura e de critica, e caminhar, mais

demoradamente, na senda do progresso e da civilização.

Mas, por outro lado, a verdade é que um povo assim, jamais desaparece, como unidade respeitavel e considerada, do concerto dos povos.



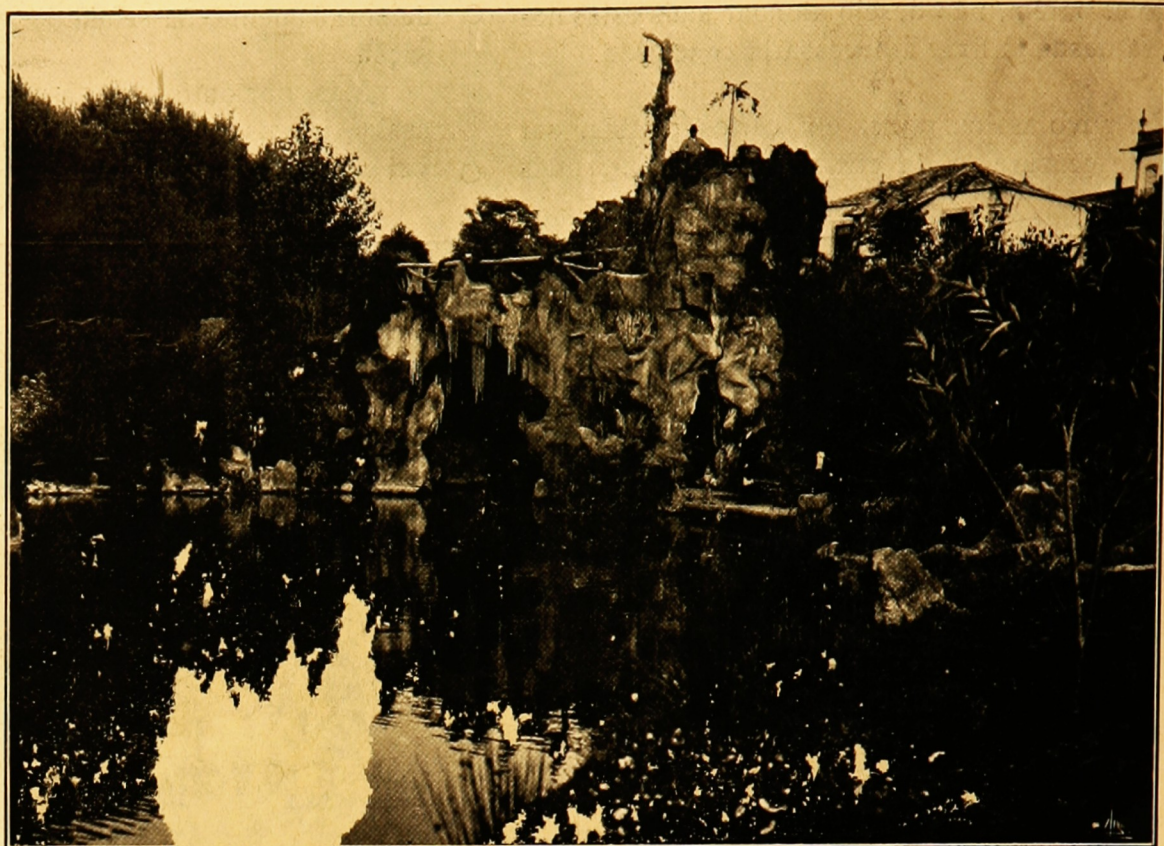
MONSÃO — Vista da Praça Deus-la-Deus e igreja da Misericórdia



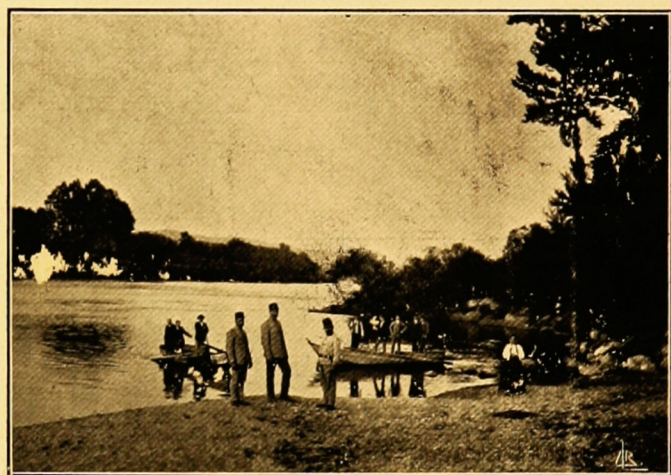
MONSÃO — Palacio e jardins da Brejoeira, propriedade do exc.<sup>mo</sup> snr. conselheiro Pedro d'Araujo



Tal modo de ser, taes normas de conducta, representam uma barreira insuperavel contra qualquer attentado á sua soberania. O seu amor de patria é fortissimo, porque os elementos que o formam são naturaes, derivam da propria structura nacional, assentando, portanto, em bases indestructiveis. As fronteiras do seu territorio são inabalaveis, porque a necessaria assimilação para qualquer conquistador, torna-se absolutamente impossivel. Um povo assim, repito, vae indubitavelmente, ou em mas-



MONSÃO — Gruta, cascata e lago da Quinta da Brejeira



MONSÃO—Barca de passagem para Hespanha sobre o rio Minho

sa, até ao ultimo dos sacrificios para salvaguardar o *que é seu*, as suas regalias, a sua autonomia.

E um povo com um espirito nacional assim fortalecido, assim avigorado, jamais desaparece do mappa do mundo, sejam quaes forem as crises politicas ou economicas porque atravesse, sejam quaes forem as suas perturbações ou convulsões internas.

Ha de ser sempre um grande povo, um povo admiravel—até na desgraça! N'isto, como em tudo, nos dá o paiz visinho um grande exemplo.

Isto mesmo, não podemos, nem devemos occultar, muito embora com isso soffram os resentimentos patrioticos do nosso povo, resentimentos que nós, de resto, compartilhamos e respeitamos.

JOAQUIM SALDANHA.

## Secção historica

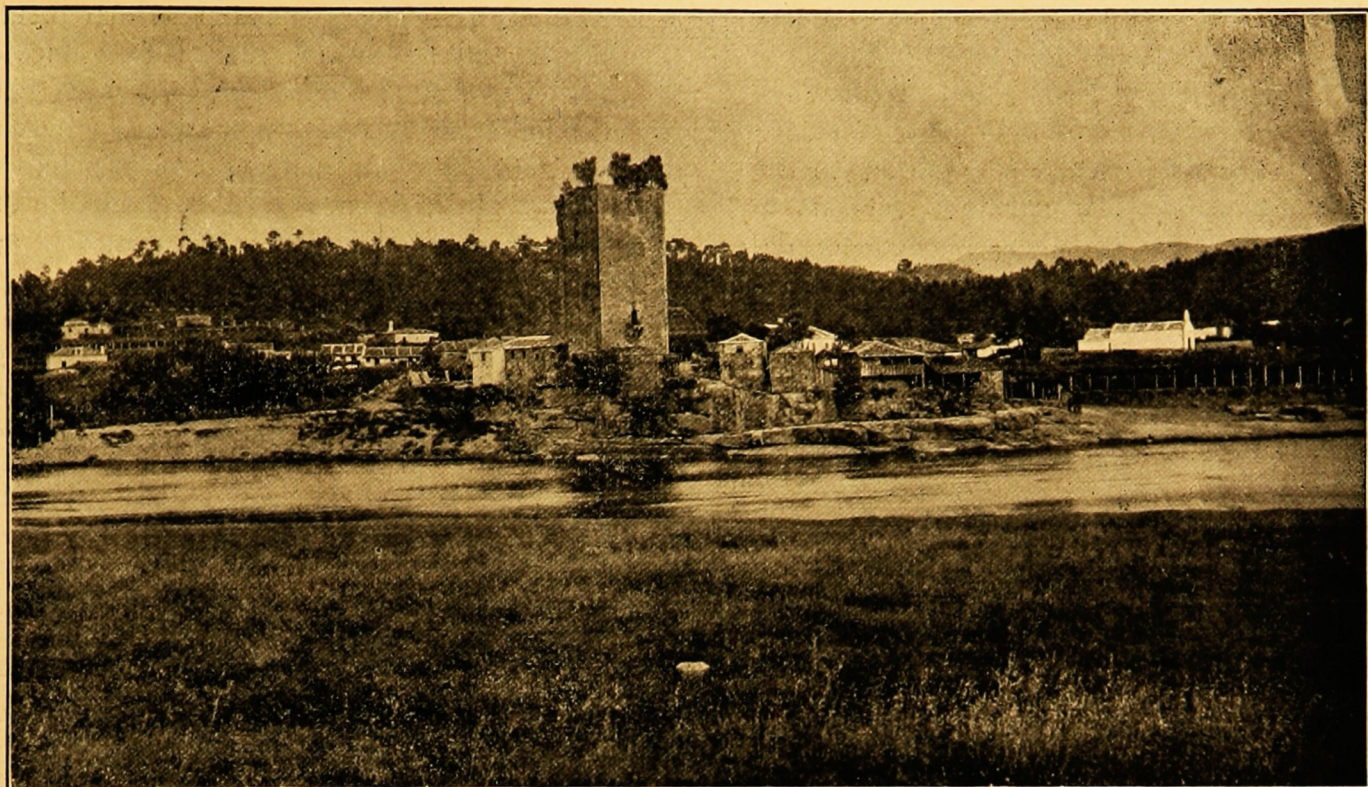
Succinta historia dos sinos do relógio e da Camara de Villa Viçosa



primitivo sino do relógio do concelho, que estava na **Torre de Homenagem** do Castello, d'esta villa, bem como o sino de **correr** da Camara, que houve no torreão da *Porta de Evora* foram partidos em estilhaços pelos canhões da artilharia do marquez da Caracena, D. Luiz de Benevides, por embirrar com elles visto as sentinellas que estavam na fortaleza os tangerem sem cessar, para assim precaver ou avisar os habitantes da villa e chama-los em seu soccorro contra o inimigo (hespanhoes) que, estando proximo, empregava os mais titanicos esforços para forçar a render-se o Castello, conseguindo comtudo entrar na almedina na noite de 15 para 16 de junho de 1665 indo fortificar-se na igreja matriz, apezar da denodada resistencia dos soldados da guarnição d'esta villa.

Por tal motivo ficaram feridos trezentos d'estes juntamente com os capitães José da Silva e Antonio Gomes e morreram tambem mais outros dois (capitães) Manuel da Rocha e Manuel Nogueira Valente. Decorrido um anno apenas, em 1666, resolveu a Camara refundir ou restaurar o sino do relógio, o que foi difficil por falta de elementos pecuniarios, não obstante ter já pedido antecedentemente auctorisação régia para vender dois traços do terreno; um, na coutada do Pinhal e o outro,





MONSÃO—Lapella-Vista desde Hespânia atravez o Minho. A' esquerda a estação do caminho de ferro

(Clichés do phot. am. D. Lorenzo Lemos)

junto á Tapada de Estevão Mendes, em Valle da Rabaça.

Chamando, mais tarde, a camara o fundidor Francisco Pinheiro, por ella foi combinado com elle o concerto não d'um sino, mas dos dois; devendo elles pezar a totalidade de 120 arrobas pela quantia de 100\$000.

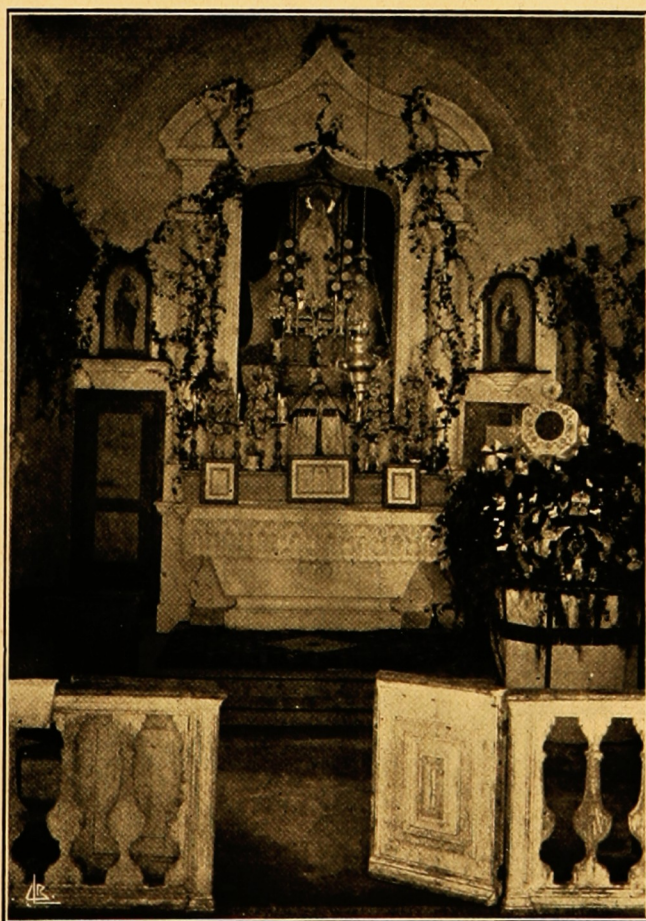
A camara encarregou-se de fornecer-lhe as 120 arrobas de bronze e mais 12 para quebras.

Como os estilhaços dos sinos se achavam dispersos, no poder de varias pessoas e soldados, determinou a camara dar metade do valor d'esses fragmentos ás pessoas que os possuissem e d'esta forma conseguiu ainda haver ás mãos umas trinta arrobas d'aquelle metal!...

Porém um alferes do Terço, por nome André Fernandes Miguens, que teozamente se recusou a entregar o metal que tinha, foi obrigado a faze-lo judicialmente por intermedio do advogado da camara. Ainda assim teve esta de comprar novo, a maior parte do bronze que ainda lhe faltava. Pelo que se lê n'uma acta da sessão cama-

raria de 2 de janeiro de 1668 já n'esse tempo estava prompto o sino e o machinismo do relógio cujo concerto foi concluido pelo serralheiro Salvador Gomes, pela quantia de 80\$000 reis; começando então a dar-se o nome de **Caracena** indistinctamente, tanto a este como ao sino de *correr* da camara, o qual foi collocado, não na sineira ou torreão da antiga porta de Evora, onde havia sido despedaçado; mas provisoriamente na torre da igreja parochial de S. Bartholomeu d'esta villa, pelo motivo da camara estar installada até 1757 no adro d'essa igreja n'umas casas d'aluguer fronteiras aos actuaes paços do concelho, visto haverem sido demolidas as proprias no anno de 1664 por determinação do governador interino d'esta praça Christovão de Brito Pereira, para se concluirem as obras exteriores do castello moderno.

O serralheiro Francisco Ignacio ficou incumbido, em substituição do tangedor João Rodrigues Tinoco, de repicar o sino do concelho todos os sabbados durante a missa que era e ainda é costume cantar-se a N. Senhora da Conceição na igreja matriz; obrigação esta que vigorava desde o anno de 1717, em



TORRES VEDRAS—Fernandinho. Altar-mór da capella de N. Senhora de Lourdes



que El-rei D. João V, ordenou a festividade á Immaculada Conceição, como Padroeira do reino.

Em 1673 tinha sido já incumbido de tratar d'este relógio o aferidor do concelho Francisco Simões. Em 1734 rachou-se de novo este sino que era o do unico relógio official da villa quando o estavam a repicar durante uma festividade a N. Senhora da Conceição, promovida pela respectiva confraria. O dia certo em que se deu tal facto não se sabe; mas presume-se que fôra em julho ou em outro mez não muito afastado d'este, por uma acta que se encontra nos livros guardados no archivo municipal, da qual consta que sendo Antonio Marques da Silva, morador em Portalegre por este fôra dito á camara que já estava contractado com a regia confraria

Assim foi. A camara mandou chamar o serralheiro João Antonio Solano, residente em Badajoz, que se comprometteu a fundir um sino novo, igual em tamanho, ao *rachado*, pela quantia de vinte moedas (96\$000 réis); marcando o principio da obra para o dia 25 de agosto d'esse anno; a qual tambem não se effectuou devido a novas divergencias entre a regia confraria e o municipio.

Correram mais alguns mezes até que os procuradores dos mistéres, já cançados de insistir perante a Camara pelo concerto do relógio e tambem já aborrecidos de nada conseguirem, resolveram mover uma execução á regia confraria perante o onvidor d'esta villa, Felix da Fonseca d'Azevedo que a decidiu a favor do povo, segundo affirmam



#### VILLA VIÇOSA—Praça Infante de Lacerda, o Caracena novo (actual relógio do concelho) e o Pelourinho

ria dos Tres (nome porque era conhecida a de N. Senhora da Conceição d'esta villa) para fundir o referido sino e que se havia responsabilizado a vir iniciar este trabalho a 25 de julho d'esse anno.

Todavia surgiram dificuldades para a consecução d'esta obra, por a referida regia confraria não querer pagar só, á sua custa, a despeza total, desejando tambem que esta fosse coadjuvada pela camara, ao que esta não accedeu; e por tal motivo não se effectivou o mencionado contracto.

Passou mais algum tempo, poucos mezes apenas e a camara tenta então outra vez realizar o dicto concerto, porque reconheceu a grande necessidade de haver um relógio por onde os trabalhadores se regulassem, pois não existia ainda o da Capella Ducal.

uns, e, segundo outros, foi esta execução mandada sustar por ordem d'El-Rei, que pagou as despesas feitas com o referido concerto evitando assim futuras contendas.

O sino do relógio que foi fundido em 1666 tinha a seguinte quadra allusiva á sua primeira fractura ou quebra:

Caracena me quebrou  
Sendo de grandeza tal (1)  
Que em todo o Portugal  
Nenhum outro me igual.

(1) Segundo o autor do «Parnaso de Villa Viçosa» o primeiro sino do relógio do concelho era de tal grandeza que se ouvia a tres leguas de distancia, em Villa Boim, que era o maior de Portugal e que fôra fundido em anno anterior a 1618, seculo XVI.



Esta quadra foi reproduzida no actual sino que é o terceiro, e está antecedita por uma decima allusiva á segunda quebra que n'elle fizeram e diz:

Duas vezes em meu damno  
Em silencio me puzeram  
As quebras que me fizeram  
Um bebado e um castilhanho.

D'este segundo e tirano  
Quebranto e escuro destino  
Um ouvidor peregrino (2)  
Me trouxe á luz outra vez  
Feliz é, feliz me fez  
Sol que entrou n'este signo.

A' volta do rebordo está uma legenda que diz que a fundição d'este sino foi levada a effeito por meio d'um arresto feito á regia confraria no juizo da ouvidoria, sendo ouvidor Felix Azevedo da Fonseca. Tem os nomes dos fundidores Juan Antonio Solana Riba e Pedro d'Azevedo Manique.

V. Viçosa.

P. ALBERTO GONÇALVES.

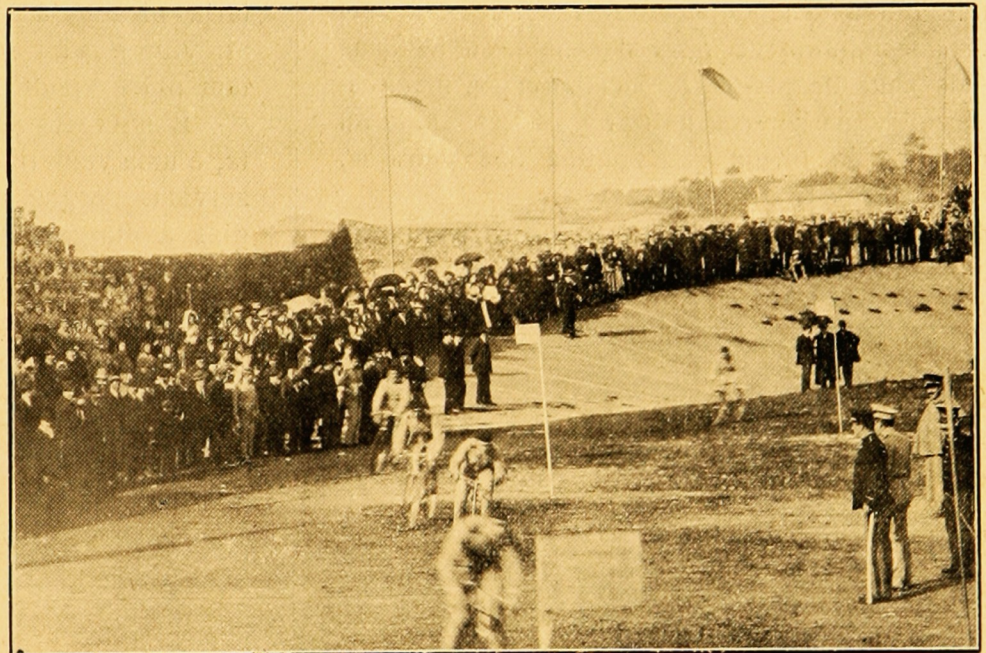
(2) Peregrino quer dizer que era de fóra.

## Vida intensa

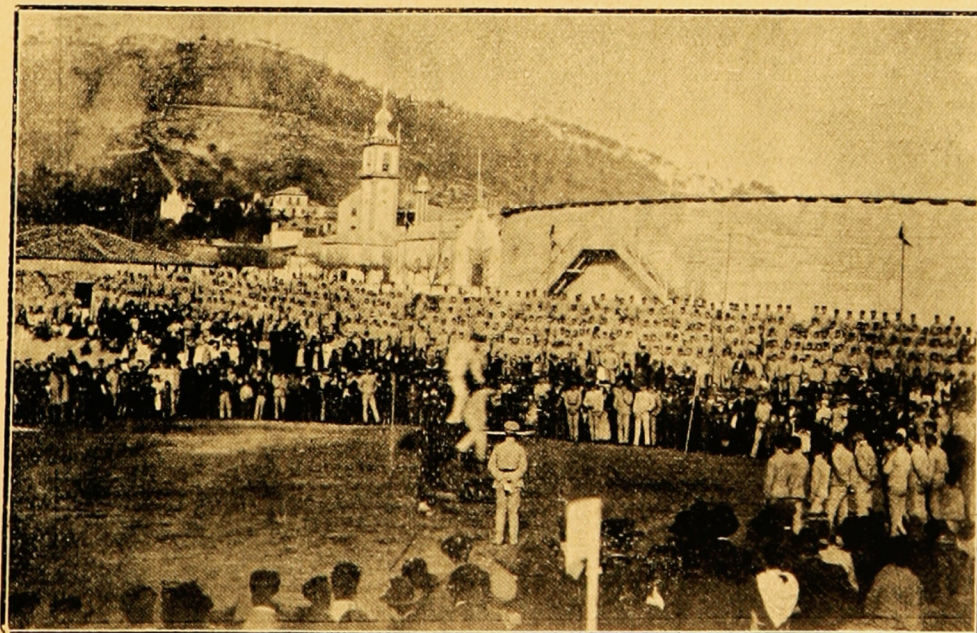


(PACINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

**V**i hontem a primeira mascara, inexpressiva, suja,— a mesma graça rebuscada e sedição a animar-lhe a bocca escancarada, o mesmo espirito soez a justificar o insulto—e vislumbrei com tedio o carnaval tradicional, o entrudo borracho, salpicado de lama e de miseria, que a estas horas cruzará como uma gargalhada d'insulto, as



Corrida de bicycletas



Lucta de tracção

não corresponde a um intuito: obedece a uma circumstancia. Um, porque anda nas ruas, vem mais cheio de lama; como o outro, vagueando pelas salas, envolto em velludos e rendas, vem talvez mais limpo mas contém muito mais veneno. No fundo, irmana-os a mesma sêde d'insulto, o mesmo desejo canalha de ferir, sem responsabilidades...

Dizem, que á mesa da comida e á mesa do jogo, se avalia da educação das pessoas e francamente, nada mais flagrante e verdadeiro, que o conceito ingenuo d'este adagio. Entretanto, o commentador, de-



via ter acrescentado que perante uma máscara, se pode ajuizar dos instinctos e das convicções com a mesma certeza, com que avaliamos dos habitos e da correcção d'uma pessoa, vendo-a empunhar delicadamente um garfo ou perder discretamente um *robert de bridge*.

Vejam o fulaninho chistoso que amarrota, a murro, o côco do visinho que detesta, ou o garôto remendado e sujo, que atira mãos cheias de lama e de pó, para o fato limpo do transeunte inoffensivo...

O que fizeram estes dois animaesinhos mascarados? Divertiram-se sómente? Se o fizeram, fraco indicio de caracter é divertir-se incomodando os outros e só revela preversidade. Satisfizeram com mais ou menos espirito, as praxes selvagens do entrudo folião? Evidentemente não. Ambos se serviram da impunidade para desabafarem as suas iras, os seus despeitos, as suas invejas, manifestem-se ellas na guerra mortal ao côco janota ou traduzam-se na inveja mal contida dos andrajos, pela superioridade dos fatos novos.

O entrudo, enfim, é o estímulo do anonymato, é o incitador da cobardia...



### Volteio a cavallo

A sua expressão é o vexame. Manifeste-se na assuada, no pó, na *cochichada* alfacinha, na galantaria picante á senhora que passa, no empurrão atrevido e mau, ao velho tropego que mendiga; não tem outra significação, não conhece outra formula.

E' um resto de selvajaria, que a tradição aguenta, é uma velharia sensaborona que os homens conservam, porque os tres dias de carnaval são tres dias á margem da correcção e da lei, tres dias de liberdade, de loucura, d'estouvamento — chamem-lhe



Um aspecto da assistencia





### A assistencia durante um salto em comprimento

(Clichés cedidos obsequiosamente pelo snr. Tenente Mamede).

como quizerem — mas tres dias em que o insulto se justifica e não tem resposta.

Nice, com os seus cortejos theatraes, não foge inteiramente ao selvajismo, quando a *Pierrette* joga, mesmo atirando flores, teve antes o preverso instincto de lhe metter no meio alguns tremoços. As suas mascaras não tem, convenho, a brutalidade por exemplo, do entrudo alfacinha; ha talvez mais espirito, desprende-se a aggressão com mais galantaria mas o insulto, com punhos de renda ou com calças de bocca de sino, lá está patente, dominador, altivo...

A estas horas, devem descer o Chiado, os mesmos carros com tulipas desbotadas de papel, as mesmas galeras engalanadas de verduras, — automo-



NO CAMPO—Grupo da familia do snr. D. Antão José Maria Vaz de Almada Fallecido em 6 de fevereiro de 1914

veis transformados em *yachts*, bicicletas transformadas em cysnes d'algodão em rama, dominós sensaborões, xéxés atrevidos, a malta anonyma dos rotos e dos facinoras fadistas, *dandys*, brincalhões e mendigos—e o extranho que passar, sem tempo para descer até ás paixões, hade julgar pela rama, que tudo aquillo é bizarra loucura foliona d'um povo satisfeito, brincando, rindo, hian-te de felicidade e de gozo, cantando uma epopêa á alegria e ao prazer, sem vêr que esses risos, esses canticos, essas alegrias, mascaram almas transbordando veneno, olhos chispando odio e indignação, a desabafarem, a vingarem-se impunes.

E então, no meio d'essa amalgama mi-



seravel, o xé-xé borracho, remendão, cabelludo, fingindo alegria, á cata dos dez-reisinhos do salsa, que sem a mascara ridicula, tem nos olhos lagrimas amarguradas, lembra-me a patria dentro do entrudo, fóra do entrudo, mascarada da alegre — carcassa grotesca, fatiota ber-rante d'histrião — agitando o cascavel da gargalhada e da loucura, tambem á cata da complacen-



LISBOA—Penitenciaria. Grupo de presos políticos

*Padre Antonio Joaquim Leite Barroso, zelosissimo abbade de Rio Douro, Cabeceiras de Basto. Entrou na Penitenciaria em agosto de 1912. D. João d'Almeida Correia de Sá, distincto capitão da Guarda Imperial Austriaca e fidalgo da primeira nobreza de Portugal. José Pereira da Silva Sabrosa, prosador e poeta distincto tem dedicado toda a sua actividade a bem da causa catholica. Foi preso em agosto de 1911.*



LISBOA—Penitenciaria. Grupo de presos por motivos politicos

cia das nações e chorando do intimo, como o xé-xé nacional, lagrimas amarguradas, ante o seu destino tempestuoso e incerto.

E' por isso, que eu vi com tédio, com nojo, a primeira mascara d'este anno, que revelando-me, uma vez mais, a feição co-barde do entrudo, vem dar-me tambem uma imagem desanimadora da patria querida, mascarada de feliz,



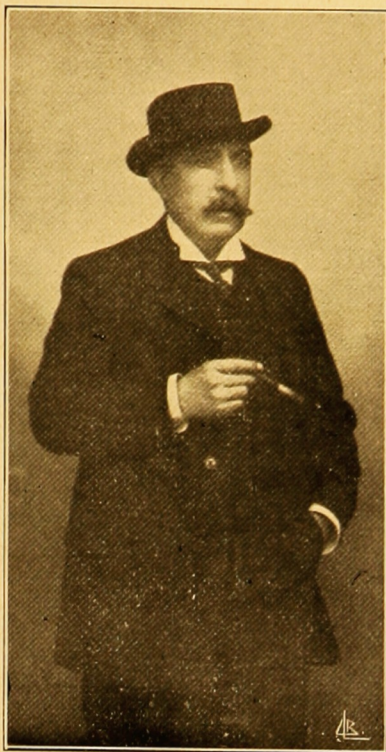
tranquilla e confiada, na hora irremediavel do pe-  
rigo...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

A mocidade, que é quem tem mais necessidade  
de conselhos, é a menos disposta a recebê-los; a  
velhice, que é quem mais os sabe dar, nem sempre  
attenta em bem os collocar.



COIMBRA—Penitenciaria.  
P.º Avelino Figueiredo, preso  
politico



BRAGA—Manuel Ignacio da  
Silva Braga

*Catholico convicto e poeta  
humoristico muito apreciado,  
fallecido em 19 do corrente*



COIMBRA—Penitenciaria.  
José de Magalhães Aives Costa,  
preso por motivos politicos



BRAGA — Grupo de presos politicos de Vizeu e Mangualde detidos na cadeia civil



# NOZAS DO ESTRANGEIRO



BARCELONA — O snr. Sitar, presidente da Juventude Catholica, apresentando aos socios e convidados o laço que a mesma associação offereceu ao «Orfeon Catalão»



LAUTARET (Alpes francezes)—A inauguração do monumento em honra do explorador capitão Scott.  
Um arco do triumpho na neve

